

## DIÁLOGO HERMENÊUTICO: *reflexão sobre a tecno-mercadorização da educação*

Sérgio Ricardo Gacki<sup>1</sup>

*ma vez chamaram-me poeta materialista,  
E eu admirei-me, porque não julgava  
Que se me pudesse chamar qualquer coisa.  
Eu nem sequer sou poeta: vejo.*

*Se o que escrevo tem valor, não sou eu que o tenho:  
O valor está ali, nos meus versos.*

*Tudo isso é absolutamente independente da minha vontade.*

*Alberto Caeiro*

**RESUMO:** Primeiramente, saliento que a filosofia que defendo e que aqui comparece, quer dialogar com a educação. Nesse sentido, não arvora-se a uma posição de superioridade ou de juíza do saber, da compreensão ou do entendimento. Neste encontro, quero trazer aportes que entendo serem de fundamental importância para sairmos desse acontecer, no mínimo afetados, diferentes de como chegamos. Tal encontro pretende-se focado na questão do diálogo. O que me moveu e continua a impulsionar-me nesta pesquisa, é acreditar nas possibilidades (positivas e promissoras) do diálogo hermenêutico na educação. Em sua obra *Verdade e Método*, Gadamer traz um amplo arcabouço do que seja sua proposta da hermenêutica filosófica. O fio condutor da hermenêutica filosófica aparece *ab initio*, no que concerne ao problema da compreensão. Num segundo momento, mas não menos importante, adere a esse fio condutor, um dos elementos fundamentais que afetam, determinam e corrompem muitas vezes a compreensão: a questão da ciência igualada a verdade. A visão monológica das ciências, que vem sendo instrumentalizada como forma de mercadorizar a educação, objetificando-a num processo de homogeneização que a reduz a mero “produto” para o consumo. Nesse sentido, o tema do Diálogo Hermenêutico, em nosso horizonte, surge como arcabouço poderoso capaz de oferecer propostas válidas para a Educação – contra a proposta hegemônica de homogeneização/mercadorização –, questão que tentarei justificar.

**Palavras-chave:** Diálogo, Hermenêutica, Educação, Filosofia.

**ABSTRACT:** First, I note that philosophy that I support appears here like a dialogue with education. In this sense, no put itself to a position of superiority or judge of knowledge, understanding or understanding. At this meeting of philosophy with education, I understand that occur contributions of fundamental importance to get out of this place, at least affected, different as we arrived. This meeting is intended to focus on the issue of dialogue. What lead me and drive me in this research is to believe in the possibilities (positive and promising) of the hermeneutic dialogue in education. In his book *Truth and Method*, Gadamer brings a broad framework of his proposal of philosophical hermeneutics. The central argument of philosophical hermeneutics appears *ab initio*, regarding the problem of understanding. Secondly, but not least, adheres to this thread, one of the key elements that affect, determine and often, until corrupt the understanding process: the issue of science be equaled like a only truth. The monological view of science, which has been exploited as a means to commodify education, objectifying in a homogenization process that reduces it to mere "product" for consumption. In this sense, the theme of Dialogue

<sup>1</sup>Dr. em Educação. Universidade Federal de Goiás – UFG – E-mail: [sergiogacki@hotmail.com](mailto:sergiogacki@hotmail.com)

Hermeneutic in our horizon, emerges as a powerful framework capable of offering proposals valid for Education - against the hegemonic proposal homogenization/commodification - issue that I will try to justify.

**Keywords:** dialogue, hermeneutics, education, philosophy.

## INTRODUÇÃO

*A consciência hermenêutica tem sua consumação  
não na certeza metodológica sobre si mesma,  
mas na pronta disposição à experiência  
que caracteriza o homem experimentado  
face ao que está preso dogmaticamente.*

*Hans- Georg Gadamer*

Na ambição de fazer-se reconhecer como um Deus, Hermes distingue-se de Dionísio ao buscar suas pretensões pela astúcia. Em seus primeiros dias de vida, rouba vacas do rebanho de Apolo e ludibria aqueles que lhe perseguem fazendo as vacas andarem de costas, além de apagar suas próprias pegadas. Hermes levado ao tribunal de Zeus, defende-se de tal forma que além da absolvição, conquista a amizade de Apolo. Adquire assim a fama de bom orador, além do *status* de *ser* a palavra em suas mais diversas acepções. Hermes encontra-se nas perguntas dos alunos e nas preleções dos professores. Um Deus que acompanha as dúvidas e as certezas, sendo o elo que permite o encontro entre os homens. Deus das estradas e viagens, que através da palavra, mostra-nos o caminho a seguir. Encontra-se nas portas das casas, cidades e encruzilhadas, mostrando limites, obstáculos e passagens. Convida-nos a sair da inércia, a partir, a ver novos horizontes e superar os limites, projetados, imaginados ou criados. Hermes inspira o músico, o poeta, e ainda, conduz as almas ao além. Enfrenta todas as adversidades, sejam elas advindas de uma lei universal, de uma razão científica supostamente inquestionável, ou de ideologias, sejam alicerçadas na “lógica do capital” ou na “lógica das tiranias burocráticas”.

A referência a Hermes, “a quem uma etimologia tão discutível quanto fecunda lhe põe em conexão com o verbo grego *hermeneuin*” (RAMOS, 2000, p. 17), quer ilustrar *ab initio*, toda riqueza que a hermenêutica proporciona para entendermos suas possibilidades

de diálogo com a educação. O expressar e o interpretar que o verbo *hermeneuîn* nos enuncia, já nos privilegia a visão de que o campo hermenêutico, tem espaço demarcado para discussões da educação. Já que “a hermenêutica filosófica é coisa de Gadamer”, segundo Heidegger, é a ele, Gadamer, que nos reportamos agora. Pensador que no arcabouço de sua obra formula uma ética comprometida com o mundo da vida: uma Ética do Diálogo.

Gadamer em *Verdade e Método I*, apresenta o arcabouço de sua hermenêutica filosófica apresentando as relações: 1º entre consciência estética e verdade, 2º entre consciência histórica e verdade e 3º entre linguagem e verdade. Penso que há uma relação de interação entre as três partes da obra referida. Embora haja essa relação de complementariedade, acredito que as duas primeiras partes da obra, relativas a consciência estética e consciência histórica, que trabalham com o jogo e com o círculo, respectivamente, fazem a preparação para o desenlace fundamental da proposta de Gadamer que ocorre na terceira parte de VM I, qual seja: o acontecer da compreensão na linguagem através do diálogo, nas palavras de Gadamer, “ser que pode ser compreendido é linguagem”.

## **PROLEGÔMENOS A ETICA DO DIÁLOGO**

Venho fazer o debate com a educação com expectativas de abrir um diálogo. Esta é a base da postura hermenêutica: abertura. Não há em absoluto a pretensão de ter a última palavra ou julgar a educação, como se a filosofia fosse a juíza suprema. Resolvi trabalhar e propor a pertinência entre a Hermenêutica Filosófica e a Educação, primeiro, porque as experiências de vida formam a base dos saberes em educação – a vida dos alunos, professores, comunidade dão a linha para as reflexões aqui propostas. As idéias se entrecruzam com o mundo, onde a realidade não é – pelo menos em boa parte, onde a educação não se perdeu nos labirintos confusos de uma autoconsciência metódica derivada do cientificismo – encaixada em categorias pré estabelecidas, fazendo que o real<sup>2</sup> ganhe voz

---

<sup>2</sup>Quando falo do real, ou, da realidade, não estou falando de uma substância ou de um *topos*, mas de uma relação dinâmica que extrapola os limites da descrição retórico-discursiva corrente. Minha crítica, que aparecerá ao longo do

no horizonte da educação. Na hermenêutica filosófica, a filosofia pode se encontrar com a pedagogia, rompendo com preconceitos históricos onde a filosofia dita, de cima para baixo, os fundamentos para a pedagogia, considerando esta um conhecimento inferior, ou a pedagogia ignora, ingenuamente a filosofia, considerando-a um saber abstrato e sem sentido (DALBOSCO, 2003, p. 14).

Podemos ir muito além do absoluto hegeliano ou do fim da história como querem os teóricos do capital. A hermenêutica filosófica em encontro com a educação expõe nosso inacabamento, nossa incapacidade de dizer tudo ou saber tudo. O que a hermenêutica tem a nos dizer? Gadamer nos responde: “isto é hermenêutica: o saber do quanto fica, sempre de não-dito quando se diz algo”. Este pensamento gadameriano remete-nos a um contraponto direto com o nefasto imaginário (ilusão), que sabemos, está à solta nas salas de aula há algumas dezenas de anos: o pensamento da certeza e da segurança metódica. Pensamento que crê que o dito esgota o tema pautado. Pensamento que conduz educadores a acreditar que na sua fala, além de esgotar o tema, garante-lhes, que a alteridade foi suprida de pleno entendimento. Nisso encontramos aqui um dos grandes “calcanhares de Aquiles” da educação. Uma brecha onde o ímpeto tecno-calculativo prepara o terreno para a construção retórico/artificial de uma objetificação da educação.

Nesse sentido a hermenêutica é promissora, pois esclarece estes limites. Dizer algo, em primeiro lugar, nunca esgota o tema. Como assevera Gadamer, o diálogo não termina, somente se interrompe. Quando dizemos algo, e, esperamos a interlocução, por certo temos ainda um mundo de coisas a serem ditas. Este é o radical limite da finitude. Tentar cercar o ideal atrás de uma suposta segurança de uma torrente de argumentos não nos garante nada. Precisamos falar, mas precisamos também ouvir, para que o acontecer da vida se perfaça. Não se está atrás de um mundo ideal onde a realidade se adequie, mas sim de um mundo possível, onde o ser humano possa chegar a um convívio pacífico e em solidariedade. A paz e a solidariedade, não aparecem aqui, somente para jogar-nos num imaginário de uma natureza humana, ou de uma substância metafísica, mas como valores essenciais que resgatam nossa humanidade.

---

texto, dirige-se diretamente contra este conceito de realidade como algo dado, estanque, intransponível e imutável. Tais posturas, defendo, estão cristalizadas num modo de ser e agir banalizados socialmente, e que, tais modos de agir são reproduzidos acriticamente trazendo conseqüências nefastas para a humanidade.

A postura ética do diálogo proposto por Gadamer, torna possível a concretização deste objetivo, qual seja; dos homens se encontrarem e se respeitarem em suas diferenças, burlando o esquema metódico que crê na homogeneização do humano como caminho para a felicidade. Note-se que esta argumentação pretende caminhar pela via de acesso oferecida por Gadamer – resgatada em sua concepção de diálogo, fundamentalmente no que concerne a formulação e recuperação da primazia da pergunta e da reabilitação da filosofia prática. Por esta via abrem-se clareiras, onde no encontro de questões essenciais, já podemos vislumbrar a indissociabilidade entre projeto social e projeto pedagógico. E ainda, que a manifestação de tais projetos no mundo da vida, vem permeada por racionalidades que engessam/dominam ou possibilitam suas concretizações. Através do diálogo gadameriano que entendo ser o assumir de uma postura ética – *ética dialógica*, rompe-se com as relações de domínio e controle biopolítico que vilipendiam a educação, e que disputam mercadologicamente, espalhando a ideologia do consumo nos vários espaços onde acontece a educação<sup>3</sup>.

## **A ORIENTAÇÃO DA PERGUNTA NO FIO CONDUTOR DA COMPREENSÃO**

A primazia da pergunta, propõe-nos dois aspectos iniciais a saber: Primeiramente, quando entendemos a pergunta como orientadora temos a oportunidade de verificar a autenticidade e fundamentos das propostas e pesquisas que a Educação vem formulando. Sua autenticidade e pertinência, pode ser aferida a partir de sua conexão com o mundo. Num segundo momento, os aportes gadamerianos sobre a primazia da pergunta, levam-nos a concluir sobre a insuficiência e inadequação das práticas pedagógicas que permanecem marcadas por uma visão de mundo massificada e alienada pelo viés cientificista.

A pergunta de Gadamer aponta para o problema da compreensão, o que já nos

---

<sup>3</sup>Entendo a educação como um dos espaços com o mais radical potencial de reflexão e ação, para reversão do quadro hegemônico do capital. Além de tudo, admiro a missão e desafio que o ser educador significa, nas palavras de Arroyo: “*Faz tempo que os mestres saíram da toca de sua sala de aula e estão aí incomodando e mostrando quem são (...)*” (ARROYO, 2000, p. 11). Volto-me para a educação pois ela me dá esperança. Porque no ofício exercitamos e reconhecemos a multiplicidade e pluralidade do humano. A dinamicidade da vida está vinculada ao ofício de educador e quando nos damos conta disso, temos presente o fato de que estamos envolvidos em algo que ultrapassa nosso ego, a nossa singularidade e nosso individualismo.

coloca em choque com uma série de problemas. Será que a necessária democratização do conhecimento não esbarra no paradoxal absurdo da “técnica” – já denunciado por Adorno, no sentido de que a disponibilização do conhecimento não passa de um movimento meramente instrumental? Essa carga “necessária” de conhecimento não estaria impondo de certa forma, uma homogeneização do humano? A pergunta pela compreensão de Gadamer, faz abrir possibilidades promissoras para a educação, pois o compreender vai além da “entrega” do conhecimento, que para a *economia de mercado*, transformou-se em mercadoria. O acontecer da compreensão não pode ser mapeado epistemologicamente, mas, podem ser apontadas vias de acesso desse acontecer. Entendo que a retomada da *Bildung* por Gadamer, é um desses caminhos de acesso para a recuperação da compreensão como categoria fundamental para a educação.

(...) formação (*Bildung*) designa mais o resultado desse processo de devir do que o próprio processo. (...) o resultado da formação não se produz na forma de uma finalidade técnica, mas nasce do processo interno de constituição e de formação e, por isso, permanece em constante evolução e aperfeiçoamento (GADAMER, 1997, p. 50).

A compreensão abre o caminho para articulação do conhecimento, que só pode ocorrer com a pergunta posta. Em Gadamer, entre outras coisas, a pergunta indica sentido, coerência, caminho, abertura, possibilidades, nos move, gera enfrentamento, questiona, tira-nos da inércia, rompe com a massificação, só para citar algumas questões. A pergunta move o Diálogo e este nos transforma. Depois do Diálogo, já não seguimos sendo quem éramos: “O processo do diálogo, qualquer que seja seu desenlace, não é senão o desenvolver de uma comunidade originária, da qual os interlocutores não eram ao começo suficientemente conscientes” (GUTIÉRREZ ALEMÁN, 2002, p. 227). Este ganho, este chegar à consciência em comum só emerge a partir da pergunta colocada. A pergunta lança os interlocutores no aberto e permite o reconhecimento dos limites que nos envolvem.

O Diálogo é fundamentalmente transformador, transformador do indivíduo, e, nesse sentido, transformador da sociedade. Gadamer através de seu filosofar no mundo, propõe outros caminhos para a educação, tanto no seu constante confronto com a “ilusão” do duplo viés da teoria e práxis, quanto no enfrentamento “desses artigos de fé errados, transmitidos por herança, [que] acabaram por se tornar um tipo de fundo comum da espécie humana” (NIETZSCHE, 2006, p. 119). Gadamer, ao propor sua hermenêutica

filosófica, não tem medo de falar de amizade, solidariedade e necessidade de recuperação do humano. O autor quer ir além da racionalidade técnica que pretensamente quer submeter-nos ao fatalismo do fim da história. O diálogo de Gadamer remete-nos a uma postura crítica diante da realidade. Que realidade? A realidade do apogeu da técnica, onde paradoxalmente, os seres humanos permanecem numa miséria generalizada: cultural, material, espiritual, entre outras.

### **COMPREENSÃO COMO CRÍTICA A HOMOGENEIZAÇÃO – CONSUMISMO/MERCADORIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO**

A hermenêutica serve para alguma coisa? A hermenêutica serve para radicalizar a dúvida. A hermenêutica vem para lançar areia nos olhos da razão, tão acéptica e tão cega. A hermenêutica rompe com a certeza e colabora com a contaminação positiva de nosso espírito, que liberto das correntes do cientificismo, pode “**compreender**” de outra forma. Aqui o debate se aprofunda sobre o problema da importação do referencial da verdade científica para a educação e suas conseqüências, enfrentado de forma contundente pela proposta do *acontecer da compreensão na educação*. O problema da compreensão passa pela questão da crença em referenciais de verdade, e coloca em xeque a pretensa segurança metódica que entende ser possível educar somente na camisa de força da razão – no viés tecno-calculativo. Uma pergunta que se apresenta a muito tempo é: Por que muitos dos que passam pela escola não aprendem? Tal pergunta, já parece ter um vício de origem. Quem não aprende e o que não se aprende? Será que muitos dos que passam pela escola não aprendem, ou se rebelam? Notem que muitos dos questionamentos em educação nos afastam do problema da compreensão. O não aprender revela o que? Não teríamos nesse pequeno texto reflexivo, espaço para dar conta de uma resposta suficiente para tal pergunta. Mas quero trabalhar com uma resposta que reveste-se em exercício argumentativo para localizarmos a compreensão nesse processo. Trabalhando no sentido de que os alunos não estão mais aprendendo, enfim, não poderíamos estar diante de uma revolução silenciosa, que insurge-se contra as excessivas pretensões epistemológicas que ainda hegemonomizam os processos educativos? Na verdade, faço aqui um pequeno recorte, ao falar de aprendizado, pois quero demonstrar que estamos sempre em torno do

problema da compreensão. Não pretendo aqui discutir ou menosprezar a importância da análise epistemológica, mas relativizá-la. Problemas de aprendizado são reais, devem ser estudados e problematizados. Porém, se ninguém nesse processo – docente ou discente, fizer a pergunta pelo sentido, tudo se perde em uma grande diluição.

Consubstancia-se tal assertiva em um problema grave. Um esforço parece estar sendo dispensado para uma direção equivocada, vazia, sem sentido. As promessas são várias, porém, os resultados, são questionáveis. Mas então que resultados são esses? Quando falo em resultados, não são quantitativos, quantificáveis do ponto de vista de uma teleologia do Capital, mas de um crescimento de valores que redundem em melhoria de condições de vida. Mas este é um objetivo que quase sempre cai no velho círculo vicioso da disputa do real. Explico: O ser humano por acaso caminha para o abismo ciente disto? O ser humano quer este destino? O ser humano quer o efeito estufa? O ser humano quer poluição, estupros, prostituição infantil, mortes no trânsito, seqüestros, assassinatos estúpidos e outras coisas piores? É esse o objetivo da humanidade? Acordamos pela manhã dispostos a acabar com o outro? Não creio.

Volto a salientar que temos a disputa do real<sup>4</sup> pela frente. Escrevi num artigo anos atrás, que no campo de disputa do real, convivemos com o absurdo das estatísticas, que se prestam a dizer que os números de hoje são melhores que do ano passado. O senso comum produzido midiaticamente, acriticamente reproduz aquilo que lhes é vendido pelos “formadores de opinião”, concluindo: as “coisas<sup>5</sup>” melhoraram. Isto é verdade? É exagero? Penso que não. Penso que as pessoas não trabalham diuturnamente para a destruição da sociedade ou do planeta. Elas trabalham num referencial que as afasta do real, e, laboram pela manutenção de uma ficção. Gadamer, entendo, descreve esta situação quando fala do “esquecimento daquilo que persiste”. Parece que o ser humano vive a crise de seu recalque, porém, já acredita em sua própria falácia, e não quer reconhecer os sintomas. Quem sabe a política, já acredita na panacéia que a envolve? Será que nossa reflexão sobre a política

---

<sup>4</sup> Real aqui aparece não como bloco monolítico, ou como, um “absoluto” a ser alcançado, mas como um “complexo” do acontecer da vida. A realidade é um fenômeno dinâmico, diferente da proposta que vivemos na modernidade, fundamentalmente com a exacerbação do fenômeno da técnica, onde a crença na verdade monológica busca padronizar e homogeneizar a realidade. Contra tal proposta homogeneizante, contrapõe-se a hermenêutica filosófica.

<sup>5</sup> Entenda-se

deve manter-se amarrada a um viés metafísico/maniqueísta? Nesse ponto da história da humanidade, ainda podemos acreditar no lado bom e no lado mal? Existe a necessidade de reconhecermos, pelo menos com maior proximidade possível, o real. Lembro, em discussões com colegas professores, quando eu lamentava com tristeza o fato de ter vivido em uma ditadura, num total obscurecimento, sem a menor noção do que estava acontecendo. De repente alguém me perguntou: - Mas agora, você tem noção do que está acontecendo?

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

E o que resta à educação? Ao longo da história, vemos todo um processo de acomodação a esse referencial pragmático-tecno-científico. As outras áreas, chamadas “ciências humanas”, importaram o método científico para suas investigações, na tentativa de enquadrar o humano dentro do referencial da suposta certeza e exatidão das ciências causais-explicativas. A pedagogia não passou incólume a este problema. Ela se vê paralisada na teoria do conhecimento que tem tomado, inadvertidamente, da ciência moderna. Gadamer, consolidando sua *crítica ao espírito instrumental* da modernidade, alerta que a sabedoria não se reduz à visão técnico-calculativa. A sabedoria não está no fato de se saber mais coisas que os outros, mas no saber que não se sabe. É correto dizer que a pedagogia tem dificuldades, ainda, para fazer compreensível teoricamente seu objetivo? Ela (pedagogia) está realmente paralisada na teoria do conhecimento que tem tomado “inadvertidamente<sup>6</sup>” da ciência moderna? Pensamos que esta é a grande armadilha em que caíram as ciências humanas, inclusive a pedagogia. Armadilha a qual devemos superar, e pretendemos justificar ser possível, através do diálogo hermenêutico-gadameriano.

Nesse sentido, fundamenta-se desde já o esforço de compreendermos a profundidade das críticas de Gadamer, tanto explícitas, quanto implícitas, ao espírito instrumental reinante. Como podemos perceber, tal racionalidade, opressora e desumanizante, ganhou espaço em toda sociedade, influenciando drasticamente a produção de conhecimento, inclusive na educação. Porém, salientamos que a preocupação

---

<sup>6</sup> Para usar a terminologia de Arroyo.

com as conseqüências dessa inadequação, verifica-se como problema geral. Como apresentei, o problema que Gadamer está enfrentando, volto a enfatizar, firma-se no tema da *compreensão*. Observamos quase que um total descaso com o fenômeno da compreensão, consubstanciado numa espécie de esquizofrenia que se referencia exclusivamente a partir da crença cega nas ciências causais explicativas.

A via para o compreender é o diálogo. O diálogo remete-nos a vivências de lugares onde tinham fala os saberes populares. Lugares onde surge a alegria que sentimos na surpresa e criatividade que fazem parte da natureza filosófica arraigada a diversidade do humano. Um lugar importante exemplificativamente para nos referenciar, é o terreno fértil da “educação popular”. Nesse espaço milhares de mulheres e homens já tiveram oportunidade para dividir dores, alegrias, tristezas, criatividade, lutas, fé, esperança e muito mais. Essa forja social imprimiu em muitas pessoas a expectativa de poder dialogar para alcançarem leituras de mundo mais críticas e aproximadas da realidade, contribuindo para o acontecer da compreensão, e nesse sentido, a recriação/redescrição/ressignificação da realidade a partir da educação crítica, que hermeneuticamente nos convida ao diálogo. Tal diálogo cresce e se nutre na alteridade, que longe do terreno do homem-mercadoria, cinde com a visão torpe de uma educação mercadorizada, condição para aspirarmos a um mundo mais digno e justo para todos os seres viventes.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis, RJ : VOZES, 2000.

DALBOSCO, Claudio. Filosofia Prática e Pedagogia. In: **Racionalidade Prática e Práxis Pedagógica**. Passo Fundo : UPF Editora, 2003.

GADAMER, H.G. **Verdade e Método**. 4<sup>a</sup> ed. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis : Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Verdade e Método II**. Traduzido por Enio Paulo Giachini. Revisão de tradução de Márcia Sá Cavalcante-Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.

GUTIÉRREZ ALEMÁN, Carlos Bernardo. **Temas de Filosofía Hermenéutica: conferencias y ensayos**. Bogotá: Universidad Nacional de Colômbia, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. São Paulo – Ed. Escala, 2006.

RAMOS, Antonio Gomez. *Entre las Líneas: Gadamer e la pertinencia de traducir*. Madrid : Visor, 2000.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. Traduzido por Henrique Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1994. (Série História da Filosofia Antiga).